



ENTREVISTA

**Interface entre saberes e práticas em formas não convencionais de
organização: o professor, o pesquisador e o artífice.**

Entrevista com o Dr. Rene Eugenio Seifert

Entrevistado por:

*Kamille Ramos Torres¹
Luan Matheus Pedrozo Kolachnek²*

Rene Eugenio Seifert é PhD em Administração pela Universidade de Birmingham – Inglaterra, mestre e bacharel em Administração pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professor do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) e do Departamento de Gestão e Economia (DAGEE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), onde leciona desde 2014.

Além disso, ele é líder do Grupo de Pesquisa em “Formas Não Convencionais de Organização”. É membro da Associação Casa da Videira, onde estimula o resgate de trabalho artesanal e artífice, e é também Coordenador do Laboratório de Tecnologias Alternativas de Gestão - projeto de extensão do PPGA/ UTFPR em parceria com outros professores.

O Dr. Rene é avaliador de artigos científicos em eventos e periódicos nacionais e internacionais da área de Administração e Organizações e autor de vários artigos. Suas pesquisas versam sobre modos alternativos de organização sob uma perspectiva crítica à lógica de gestão dominante. Na presente entrevista, que foi gravada e transcrita, realizamos um diálogo com o Prof. Dr. Rene Eugenio Seifert buscando tratar, ainda que de forma breve, sobre sua trajetória acadêmica e profissional, temáticas que apontam seu interesse de pesquisa e a interface entre saberes e práticas em formas não convencionais de organização.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGA – UTFPR).

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGA – UTFPR).

TORRES & KOLACHNEK: Professor, para iniciar essa entrevista poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória acadêmica e profissional?

SEIFERT: Minha trajetória acadêmica começou em 1995 na Faculdade de Administração na Universidade Federal do Paraná. Depois disso eu fiz uma especialização na área de *Marketing*, e foi nesse contexto que eu percebi o gosto pela pesquisa e ensino. Em 2002 entrei no Mestrado e em 2006 parti para o doutorado na Inglaterra. Entre 1995 e 2002 trabalhei profissionalmente com Negócios Internacionais. Essa experiência acabou influenciando meu foco de pesquisa, tanto no mestrado como no doutorado, que investigou a internacionalização de Pequenas Empresas. Entretanto, apesar do interesse inicial na área de Negócios Internacionais, nos últimos anos meus interesses e abordagem de pesquisa mudaram significativamente.

TORRES & KOLACHNEK: Como disse, houve uma mudança na sua linha de pesquisa e ela é facilmente percebida em seu currículo. A sua linha que era sobre temas relacionados à Internacionalização de Empresas, inclusive seu doutorado foi em Gestão Internacional e Organizações, a partir de 2015 passa a ser sobre “Formas Não Convencionais de Organização”. O que explica essa mudança?

SEIFERT: Foi um processo que se iniciou ao longo dos meus estudos de doutoramento. Na época, eu estava estudando Internacionalização de Empresas, mas ao mesmo tempo questionando uma série de aspectos relacionados à Administração, e um deles especificamente foi a questão do crescimento organizacional. Nas entrevistas da minha pesquisa de doutorado eu ouvi de vários gestores e pequenos empreendedores que eles não tinham interesse de crescer. Como a internacionalização é tipicamente uma estratégia orientada para o crescimento, aquilo me levou a refletir e repensar sobre aspectos que pareciam ser senso comum ou ter sido consolidados ao longo da minha formação. Outro elemento importante nesse processo de mudança foram as amizades que eu fiz nesse período. Não foi só o meu interesse de pesquisa que mudou, meus relacionamentos mudaram em 2005 e 2006 e acredito que isso seja o principal aspecto relacionado à mudança na forma de ver o mundo. Acho importante observar que uma mudança de visão e perspectiva epistemológica no contexto acadêmico é um processo lento e doloroso. Doloroso porque você tem que abandonar o que havia sido construído para reconstruir algo diferente. Depois de tanto tempo trabalhando na área de Negócios Internacionais eu optei por abandonar esse caminho.

TORRES & KOLACHNEK: Professor, qual é sua visão acerca do progresso na sociedade contemporânea?

SEIFERT: A ideia de progresso está vinculada com a ideologia do crescimento. Essa foi uma das primeiras temáticas que eu passei a estudar no processo de reflexão e mudança de interesse de pesquisa. Particularmente, eu penso que a ideia de progresso vinculada ao crescimento econômico, desenvolvimento, inovação e tecnologia é uma ideologia que serve à um grupo pequeno de pessoas e que acaba sendo uma forma de exploração e dominação social. Essa busca irrefletida pelo progresso se tornou extremamente nefasta, principalmente quando se legitima no imaginário social que o progresso é a única resposta para se viver bem e ser feliz. O senso comum acredita que o progresso nos permitiria ter mais tempo, viver com menos violência, mais saúde, mais igualdade.... mas quando olhamos para realidade, como ela realmente é, e não como querem que a enxerguemos, podemos observar que o progresso trouxe uma série de problemas. Isso não significa negar que o progresso científico permitiu avanços importantes para a vida contemporânea, mas nesse processo nos esquecemos de considerar a importância de respeitar limites, e modernamente progresso traduziu-se em superar limites.

TORRES E KOLACHNEK: De que forma impor limites ao crescimento organizacional pode beneficiar pequenos negócios?

SEIFERT: Reconhecer a importância dos limites no contexto do crescimento organizacional não é apenas uma questão de benefícios para os pequenos negócios. Vai além disso! É também uma questão de responsabilidade social e ambiental. Primeiro devemos reconhecer que existe uma relação entre crescimento organizacional e qualidade, e a principal referência para qualidade é o trabalho artífice. Pense por exemplo numa faca, num violino, num móvel de madeira, ou num pão... A qualidade de qualquer um desses produtos, quando feitos pelas mãos de um artesão é infinitamente maior do que aqueles tipicamente produzidos por grandes empresas, na lógica da máxima eficiência e da produtividade. Logo, quando uma grande empresa busca produzir algo com o máximo de qualidade, ela precisa replicar a lógica do ofício artífice e principalmente os limites que o caracterizam. Deste modo, acredito que a imposição de limites ao crescimento potencializa a possibilidade da expressão qualitativa e substantiva da produção. Outro fator a ser reconhecido é que a imposição de limites ao crescimento potencializa a possibilidade da convivialidade. Como nos ensina Ivan Illich, a convivialidade se opõe a lógica da produtividade e do crescimento ilimitado. Acredito que é fundamental

V.11, nº2, p.05-11, mar./jun. 2018.

reconhecemos que tudo aquilo que não tem limite tende a ser destrutivo, como um câncer, ou uma célula que se reproduz sem limites. Isso tem implicação central quando pensamos na questão da sustentabilidade. Na vida orgânica as coisas nascem, crescem, atingem a maturidade, morrem, e assim abrem espaço para as novas gerações. Na vida organizacional, assume-se que quando uma empresa deixa de existir ela fracassou frente a competição mercadológica. Penso que o mundo organizacional deveria se inspirar mais na metáfora biológica e reconhecer a importância dos limites ao crescimento e progresso ilimitado.

TORRES & KOLACHNEK: O que são “Formas não convencionais de Organização”?

SEIFERT: Esse é o termo que criamos quando fundamos nosso grupo de pesquisa. A inspiração veio da Agricultura ou da pesquisa com Plantas Alimentícias Não Convencionais, as PANCS. Na agricultura, o convencional é o feijão, o arroz, a batata, o milho, a soja, o trigo... e 80% do que as pessoas comem não vai muito além desses produtos. Por outro lado, sabemos que existem mais de 50 mil variedades de plantas alimentícias. Nos estudos organizacionais, o convencional diz respeito às organizações orientadas para o crescimento econômico, para a eficiência técnica e a lógica de mercado. Deste modo, por formas não convencionais de organização nos referimos às organizações que de alguma forma estabelecem limites ou contradições à acumulação progressiva do capital, à técnica e ao mercado. Alguns colegas utilizam termos diferentes para referir-se à objetos de estudo similares, tais como organizações alternativas, ou contra-hegemônicas. Ainda que se possam reconhecer diferenças no uso desses termos, eles apontam para a intenção de olhar e melhor entender aquilo que é diferente do dominante na área de Estudos Organizacionais.

TORRES & KOLACHNEK: Você acredita que essas diferentes formas de se organizar podem mudar o modo como as pessoas envolvidas se relacionam?

SEIFERT: Entendo que esta não é uma relação linear de causa e efeito. De um lado, o modo pela qual as pessoas se relacionam e a característica dessas relações condiciona a forma de organização. Ao mesmo tempo, o modo de se organizar também condiciona a forma como as pessoas se relacionam. O fato de eu desenvolver atividades em uma Organização formal favorece que meus relacionamentos sejam mais formais e burocráticos nesse contexto. Por outro lado, é possível que o estabelecimento de relações afetivas entre as pessoas condicione modos de organização menos alinhados aos princípios formais. Logo, vejo como uma relação recursiva, ou

seja, da mesma forma em que o modo que as pessoas se relacionam pode criar um modo de organização diferente, o modo de organização também interfere em como as pessoas se relacionam.

TORRES & KOLACHNEK: Como seu conhecimento sobre esse assunto impacta na sua vida pessoal?

SEIFERT: Quem me conhece sabe que além de professor, eu sou pai, tenho uma família, moro numa área rural, crio porcos, galinhas, faço pão toda semana, e me envolvo com iniciativas organizacionais que questionam ou se contrapõe à lógica dominante, como por exemplo: a Casa da Videira, a Padaria Coletiva, a produção Artífice no contexto da casa e da família. Essas dimensões e ações não são separadas na minha vida. A forma como eu penso se concretiza na forma como eu vivo. Tudo que fazemos na vida comunica aquilo que somos, fazemos e pensamos. O saber e a comunicação científica não se restringem, no meu ver, à Universidade e aos periódicos acadêmicos. Existem inúmeras formas de produzir, viver e comunicar conhecimento.

TORRES & KOLACHNEK: E você pode nos explicar qual o trabalho desempenhado na Associação Casa da Videira e sua importância?

SEIFERT: A Casa da Videira, antes de ser uma Organização formal, se constitui num grupo de amigos. Ela é o que é em função dos relacionamentos que existem. Eu me aproximei dos amigos da Casa da Videira por volta de 2004 e 2005. Foi lá que eu conheci o Cláudio Oliver, o Eduardo Feniman, e tantas outras pessoas ... cujo relacionamento e amizade me levaram a repensar e reorientar meus interesses de vida e pesquisa. Particularmente eu considero a Casa da Videira uma forma de resistência e contraposição à lógica de organização dominante. Ainda que não seja perfeita, e evidencie inúmeras contradições, o trabalho na Casa da Videira se orienta pela lógica da convivialidade ao invés da produtividade. As iniciativas comerciais geridas no contexto da Casa da Videira, padaria, bazar, hortaliças..., não têm intenção de gerar crescimento ou desenvolvimento social, mas de produzir bem viver e vida em abundância.

TORRES & KOLACHNEK: Do que se trata o Laboratório de Tecnologias Alternativas de Gestão?

SEIFERT: O Laboratório de Tecnologias Alternativas de Gestão é um projeto de extensão que eu coordeno junto com outros colegas do Programa de Pós Graduação em Administração na UTFPR. É um guarda chuva formal para que no contexto da Universidade possamos criar e fomentar a construção de espaços de aprendizagem alternativos. Especificamente, o laboratório tem como objetivo permitir que ao mesmo tempo em que buscamos melhor entender Formas Não Convencionais de Organização, alunos e professores também possam se envolver e aprender na prática sobre essas alternativas. A primeira iniciativa acolhida no Laboratório de Tecnologias Alternativas é uma Padaria Coletiva autogerida. Nessa padaria não existem relações empregatícias e hierárquicas entre as pessoas. Também não é um espaço para aplicar planos feitos na academia. É um espaço de construção coletiva, para que a comunidade, os alunos, professores e pesquisadores possam se envolver com essa realidade e juntos prototipar alternativas de produção e trabalho.

TORRES & KOLACHNEK: O professor vem despendendo esforços para divulgar essas e outras alternativas, qual é a relevância para o público em geral em conhecer esses projetos?

SEIFERT: É fundamental que aquilo que a gente faz na academia seja público e possa ser acessado pela comunidade. Eu tenho procurado utilizar formas de divulgação do conhecimento científico que vão além trabalho acadêmico publicado em revistas e periódicos especializados. No caso, redes sociais, televisão, rádio, jornal... acredito que estes meios, ainda que dentro de certos limites, favorece a divulgação da reflexão científica. Vivemos num mundo que a gente sofre de “constipação de imaginação”. São raros os casos de pessoas que conseguem imaginar uma vida para além da lógica formal do emprego e do empreendedorismo. Logo é fundamental imaginarmos e mostrar que existem inúmeras alternativas de produção... inúmeras alternativas de viver bem, trabalhar, produzir, criar, e ter autonomia. Gosto muito do livro do Ivan Illich que chama “O direito ao desemprego criador”. No contexto da administração de empresas, é importante reconhecermos e apontarmos para alternativas. E a universidade é um espaço privilegiado para isso... é o que eu tenho procurado fazer vinculando pesquisa, ensino, e vida prática.

TORRES & KOLACHNEK: Professor, em nome da revista FOCO e de seus leitores agradecemos pela entrevista concedida e por toda sua atenção.

DOI: https://doi.org/10.28950/1981-223x_revistafocoadm/2018.v11i2.605

Como citar:

TORRES, Kamille Ramos; KOLACHNEK, Luan Matheus Pedrozo; SEIFERT, Rene Eugenio. Interface entre saberes e práticas em formas não convencionais de organização: o professor, o pesquisador e o artífice. Entrevista com o Dr. Rene Eugenio Seifert. **Revista FOCO**, v. 11, n. 2, p. 05 – 11, mar./jun. 2018. Disponível em: <<http://www.revistafocoadm.org/index.php/foco/article/view/605>>.

Direito autoral: Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

